

LIVROS E LEITORES DO *CLUB RIO CONTENSE*.

Minas do Rio de Contas: 1902-1980

Simone Ramos Marinho¹

Resumo:

Pensando a instituição da biblioteca enquanto lugar de memória e de preservação do patrimônio intelectual, mas, acima de tudo, como espaço de democratização do conhecimento propõe-se discutir, a partir das proposições da historiografia da leitura, a importância da criação da primeira biblioteca da cidade de Rio de Contas, localizada no Alto Sertão baiano. A biblioteca do *Club Rio Contense*, criada em 14 de janeiro de 1902, exerceu importante papel para a sociabilidade intelectual da região, iniciando, ainda que de forma incipiente, a penetração da leitura naquela comunidade sertaneja. Pretende-se, então, analisar como este espaço de sociabilidade intelectual contribuiu para fomentar o desenvolvimento da vida social e cultural desta cidade ao permitir a circulação da leitura.

Palavras-chave: Rio de Contas; biblioteca; práticas de leitura.

Muito se tem reclamado as contribuições do movimento dos *Annales* como fundamentais para as transformações historiográficas ocorridas desde então. Sem querer negá-las, e ressaltando sua escrita como reação ao paradigma tradicional, faz jus, no entanto, redimensionar os termos dessa dicotomia: antiga X nova História. Do contrário, corre-se o risco perder de vista outras abordagens ao passado, produzidas antes da profissionalização da disciplina no século XIX, e tomar esta como única forma de se fazer História antes das proposições dos *annalistas*. Não é a intenção discutir, aqui, os vários tipos de abordagens alternativas à história do acontecimento, mas apenas registrar que caminhos foram abertos para o desenvolvimento da chamada Nova História.²

De toda sorte, a abordagem que damos hoje ao passado deve, em grande parte, às perspectivas propostas pela Nova História. Ao reivindicar o interesse por toda a atividade humana, em oposição aos acontecimentos políticos, os historiadores passaram a pensar historicamente diversos assuntos, antes inimagináveis de se ter uma História. Segundo Peter Burke, “o que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma ‘construção cultural’, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço”³.

Porém, as mudanças não vieram sem a exigência de adaptações. Uma vez que novos objetos foram incorporados, novos documentos foram alçados à condição de evidências e, nesse corolário, fez-se necessário o desenvolvimento de novos métodos

para tratar as novas fontes. Esta foi uma das mais importantes contribuições da Nova História, pois permitiu o diálogo com as outras disciplinas para se tentar explicar a evidência. Nesta perspectiva, os historiadores, é claro, assumiram o risco de se ler nas entrelinhas.

Assumindo o mesmo risco, este trabalho propõe estudar as práticas de leitura desenvolvidas no município de Minas do Rio de Contas⁴, localizado no Alto Sertão da Bahia⁵, a partir da perspectiva da Nova História da Leitura. Neste sentido, o termo “nova” empregado aqui também busca delimitar uma oposição a um tipo de abordagem que se limitava a ter como objeto a presença desigual do livro entre os diferentes grupos sociais. Para a “nova” proposta é bastante inspirador o modelo do historiador Roger Chartier, baseado na crítica documental. Para ele, os documentos devem ser lidos pelos historiadores levando-se em consideração sua historicidade, quer dizer, como textos escritos numa época diferente da dele, com intuítos diferentes entre autor e editor, que serviram a intenções diversas e, inclusive, foram apropriados diferentemente por seus leitores.⁶

As considerações feitas por Chartier remetem-nos à definição da ciência da História legada por Bloch. De acordo com este, a História é a “ciência dos homens no tempo”⁷. Tempo que é “por natureza, um *continuum*. É também uma perpétua mudança. Da antítese desses dois atributos provêm os grandes problemas da pesquisa histórica”⁸. Para apreender as mudanças e permanências, adotaremos a postura crítica de Bloch quanto à crítica das fontes, uma vez que para ele “documentos são vestígios”⁹, que devem ser interrogados pelo historiador, o qual os seleciona e constrói os seus fatos históricos de acordo com o seu padrão de explicação e interpretação.¹⁰

Ao analisar as práticas de leitura desenvolvidas em Rio de Contas a partir da criação da biblioteca pelo *Club Rio Contense*, em 1902, procuramos pensar a leitura e a escrita enquanto práticas que trazem consequências sociais, políticas, culturais, econômicas, cognitivas e linguísticas para o grupo social ou para o indivíduo que aprende a usá-las.¹¹ Uma vez reconhecido que a leitura tem uma história, e que ela “não é simplesmente uma habilidade, mas uma maneira de estabelecer significado, que deve variar de cultura para cultura”¹², o que se propõe é desenvolver um método que nos permita pensar a experiência da leitura em Rio de Contas e sua ressonância para a vida social e cultural da cidade. Ou seja, refletir sobre em que medida a vida daquelas pessoas foi transformada pela prática da leitura.

A biblioteca do *Club Rio Contense* foi criada em 14 de janeiro de 1902, data de fundação desta agremiação. Surgido a partir dos anseios do jovem médico Dr. José Basílio Justiniano da Rocha¹³, o *Club Rio Contense*, sociedade literária, recreativa e beneficente, exerceu importante papel para a sociabilidade¹⁴ do município de Rio de Contas. Tanto que, a sete de agosto de 1925, foi reconhecido pelo então governador Francisco Marques de Góes Calmon como de utilidade pública pela Lei Estadual nº. 1.830.

A origem maçônica dos sócios fundadores ajuda a explicar a criação de uma sociedade, baseada na tríplice missão de recrear, instruir e ajudar. A maçonaria, instituição de caráter internacional e com objetivos filantrópicos e humanitários, chegou ao Brasil em meados do século XIX. Participou de eventos políticos importantes do país, como na questão da independência, mas, em fins deste século e início do seguinte, assumiu uma função pedagógica de formação ideológica de seus membros, acentuando as atividades de auxílio mútuo e beneficência; a construção e financiamento de escolas e da imprensa.¹⁵ A criação da biblioteca foi, portanto, uma das formas utilizadas para a divulgação das ideias maçônicas; cuja utilidade perpassava pelo aperfeiçoamento intelectual e moral da humanidade.

No primeiro estatuto, de 1902, o artigo 1º estabelecia as finalidades do *Club Rio Contense*:

- § 1º Fundar e manter uma biblioteca;
- § 2º Criar aulas diurnas e noturnas;
- § 3º Estabelecer sessões instrutivas;
- § 4º Ter uma sala especial para jogos lícitos e outra para exercícios de esgrima e ginástica;
- § 5º Organizar uma seção de beneficência denominada *Bolsa de Caridade*;

A biblioteca, situada entre as primeiras finalidades, seria administrada pela Diretoria da referida agremiação e atendida pelo bibliotecário; este ficaria responsável pela guarda dos livros e a execução do regulamento interno da mesma, a qual seria mantida com as finanças oriundas do *Club*.

A missão da biblioteca foi dinamizada no decorrer da história. Na Antiguidade e na Idade Média, ela era símbolo de poder e acúmulo de conhecimento por uma elite privilegiada. Este foi o período das bibliotecas reais restritas à Corte e à formação da realeza.¹⁶ O sonho de poder reunir todos os livros e saberes acumulados numa única

biblioteca atravessou a história da civilização ocidental.¹⁷ Com o crescimento da produção editorial, propiciado pela imprensa, a produção e circulação de livros se alteraram, acarretando, portanto, uma transformação associada à leitura. No século XVII, “a biblioteca ganhou uma existência própria, [...], quando surgiram as primeiras bibliotecas públicas, patrocinadas pelos mecenas”¹⁸.

A partir do final do século XIX, com a aceleração do processo informacional, as bibliotecas buscaram acompanhar as mudanças e isso propiciou uma alteração da sua relação com o público. Segundo Rosane Andrade,

as bibliotecas-depósito com acervos de livros raros, manuscritos acessíveis a uma elite de sábios e eruditos, abre espaço para as bibliotecas públicas destinadas a atender a comunidade em geral, disponibilizando o acesso ao seu acervo.¹⁹

No Brasil, esta autora lembra que, a trajetória das bibliotecas iniciou-se com as ordens religiosas, com as bibliotecas dos conventos; isso em virtude da função dos religiosos para a formação letrada das pessoas. Exceção foram as bibliotecas privadas. Essa situação mudou com a abertura das portas da Real Biblioteca, em 1814, por ordem do Príncipe Regente D. João. Assim, a leitura passou a ser franqueada ao público em geral e a biblioteca perdeu o caráter de particular, apenas ligada à formação da realeza.²⁰

Embora a biblioteca do *Club* fosse privada, portanto, restrita aos seus sócios – o que pode não ter sido equivalente na prática – esta iniciativa foi igualmente importante por iniciar, ainda que de forma incipiente, a penetração da leitura naquela comunidade sertaneja. Cumpria, desta maneira, seu papel fundamental, qual seja, o de possibilitar às pessoas o acesso à leitura, “através de seu acervo e, mais precisamente, por meio daqueles que são a mais fiel tradução do conhecimento disponibilizado no mundo: os livros”²¹. O que de fato, acreditamos, influenciou a educação e formação das pessoas daquela região.

A singularidade que marca a criação de um espaço de sociabilidade intelectual, no raiar do século XX, numa região rural, pouco povoada e distante dos circuitos letrados do estado da Bahia, despertou o interesse de perscrutar os elementos significativos desta iniciativa. A este respeito, a princípio, pode-se ser feita uma arguição que é pensar a criação dessa biblioteca como integrante da onda de modernização e civilização que marcou o país no início do século passado. Esta

afirmação pode ser confirmada em virtude do trânsito que alguns moradores desta cidade mantiveram com a capital baiana.

Aliás, a “educação” dos seus moradores foi um aspecto que, já em 1818, mereceu nota dos viajantes naturalistas Spix e Martius, que até então demonstraram uma visão negativa dos sertanejos. Em passagem pelo município, no início do século XIX, os pesquisadores bávaros ressaltaram que sua população “pela educação e riqueza, se distingue dos outros habitantes do interior da Bahia”²².

Na tentativa de reconstituir a dinâmica da vida cultural da cidade de Rio de Contas e, ao mesmo tempo, a relação de seus moradores com as práticas de leitura – e, conseqüentemente, da escrita – pretende-se analisar os catálogos e registros de movimentação da biblioteca, produzidos pelo bibliotecário do *Club*, bem como inquirir as marcas de leitura inscritas nos poucos livros que restaram do seu acervo. Nesta pesquisa também se faz necessária a investigação, na medida do possível, dos sujeitos envolvidos, de maneira a perceber os propósitos destes e em que medida se preocuparam com a circulação da leitura.

Cabe ressaltar que os sócios fundadores do *Club Rio Contense* foram homens que tinham certo prestígio naquela sociedade, tanto financeiro quanto intelectualmente, como é o caso do próprio médico José Justiniano da Rocha. As mulheres também foram aceitas como sócias e, a partir de 1922, ocuparam um papel de destaque dentro da *Bolsa de Caridade*, a seção beneficente do *Club*, porém não chegaram a ocupar os cargos de liderança da associação. Percebe-se, ao contrário, uma tentativa de controle, pois as mulheres casadas deveriam apresentar comprovante de consentimento do marido para poderem fazer parte desta agremiação.

Para se associar ao *Club* era necessário possuir recursos, pois no ato da filiação os desejosos a tal deveriam ofertar uma determinada quantia que variava de acordo com o tipo da sociedade requerida, que poderia ser como efetivo, contribuinte, benemérito ou protetor. Além disso, era pré-requisito saber ler e escrever, aspecto que evidencia, mais uma vez, o caráter elitista desta instituição, se pensarmos que o acesso a essas habilidades era limitado àquela época.

A presença de uma biblioteca, no início do século XX, numa sociedade rural e sertaneja indica certo esclarecimento da sua população, mesmo considerando-se que a maior parte desta não deveria ser alfabetizada. O que nos leva a fazer tal assertiva é o fato de, neste período, a cidade já possuir pelo menos duas tipografias, tendo ambas

publicado jornais, entre os anos de 1912 e 1927. Outro fato que chamou a atenção para a ativa vida cultural daquele município foi a intensa atividade do Teatro São Carlos, de propriedade do *Club Rio Contense*, que entusiasmava os moradores da região. Além, é claro, das festas religiosas como a de *Corpus Christi* e da Igreja do Rosário.

Os livros que constituíram o acervo da biblioteca foram doados pelos sócios ou adquiridos por compra pelo *Club*, desta forma em menor número. O estilo variava desde ciência a poesias, tendo mais saída, numa análise preliminar, os romances, tanto nacionais quanto de autoria estrangeira.

Os empréstimos eram feitos somente aos associados, o que não significa que a leitura foi realizada somente por estes. No período em que ficava sob sua guarda, o sócio poderia emprestar o livro para parentes e amigos não associados. Era competência do bibliotecário controlar o movimento do acervo, bem como conservar os bens da biblioteca em ordem, mediante elaboração de inventário, cujas faltas deveriam ser apresentadas à Diretoria do *Club*. Apesar de não ter formação própria, os sócios que exerceram tal cargo cumpriram com a tarefa de “tratar, organizar, conservar e divulgar as informações, criando catálogos, elaborando bibliografias, estabelecendo regras”²³.

Foram aceitos como sócios não só os moradores da cidade de Rio de Contas, mas também de regiões circunvizinhas. De acordo com o § 2º do artigo 56 do Estatuto do *Club*, de 1919, os livros poderiam ser emprestados pelo prazo máximo de vinte dias, para os moradores residentes na cidade, e de trinta dias para os demais. E não só livros eram emprestados, ficava à disposição dos sócios, desta vez somente os da cidade, jornais e revistas, vindos de Salvador e do Rio de Janeiro com certa regularidade, que poderiam ser retirados por três dias.

Com o passar do tempo o *Club Rio Contense* foi diminuindo suas atividades e, conseqüentemente, o mesmo ocorreu com a biblioteca. Analisando o livro de registro de movimentação do acervo entre os anos de 1960 e 1979, nota-se que houve uma queda significativa dos empréstimos, se comparado com o dos primeiros trinta anos.

Neste ínterim, a maioria dos livros desapareceu, talvez porque com a diminuição da atuação do *Club*, a cobrança do bibliotecário, como determinava o Estatuto, tenha também se afrouxado. O Estatuto previa, ainda, que, em caso de dissolução do *Club*, seu patrimônio social seria revertido para os pobres e para as escolas públicas. No entanto, os poucos livros que restaram foram doados ao Arquivo Público da cidade ou se deterioraram.

Buscando enfatizar a importância da biblioteca do *Club Rio Contense*, que permitiu a democratização da leitura e do conhecimento, para a vida social e cultural daquela pequena cidade, vale a pena reproduzir um trecho do discurso do desembargador riocontense Antonio Carlos Souto, quando da comemoração dos oitenta anos desta agremiação:

[...] No limiar dos estudos secundários, dei de notar a parte cultural desta casa. No salão de leitura, em mesa avantajada, deparavam-se jornais de Salvador e alguns do Rio, aqui chegados com regularidade modelar.

E, à noite, se postavam, em leituras atentas, figuras de prola da nossa sociedade. Seguiam o exemplo dos mais idosos, assistindo animadas discussões sobre temas diversos, inclusive os atinentes à política, notando o vigor, a convicção firme com que defendia o seu ponto de vista – a figura edificante de Adolpho Gottschall. Frise-se que os contendores não perdiam o bom tom e os traços de esmerada educação.

Nas férias, aqui passadas, também me fiz frequentador da biblioteca, no anseio de ampliar conhecimentos e adquirir práticas no manejo correto do vernáculo.[...] ²⁴

A fala do desembargador deixa clara a importância do *Club* para a sociabilidade da cidade e, especificamente, da biblioteca para a formação intelectual e cultural da sua população. O local era espaço para leituras e discussões de assuntos diversos que interessavam aos moradores, inclusive a política, como afirmou o depoimento.

Neste sentido, podemos afirmar que a biblioteca do *Club Rio Contense* desempenhava um papel privilegiado na formação das mentalidades, isto se ela for pensada como “centros de estudos, locais de sociabilidade culta e de troca de informações e ideias, além de serem lugares de leitura” ²⁵. Segundo Robert Darnton, identificar “o ‘onde’ da leitura é mais importante do que se poderia pensar, pois a colocação do leitor em seu ambiente pode dar sugestões sobre a natureza de sua experiência” ²⁶.

Assim, pensando a instituição da biblioteca enquanto lugar de memória e de preservação do patrimônio intelectual, mas, acima de tudo, como espaço de democratização do conhecimento buscamos descortinar a contribuição da biblioteca do *Club Rio Contense* para o desenvolvimento das práticas de leitura entre os moradores do município de Rio de Contas. Atentos sempre para as transformações ocorridas no universo cultural e social da cidade, na medida em que estas foram em decorrência da maior circulação do livro e da leitura, permitidas pela criação da biblioteca.

¹ Simone Ramos Marinho. Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia, monermarinho@yahoo.com.br.

² Sobre a discussão da Nova História, ver: BURKE, Peter. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In: _____(org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

³ Idem, p. 11.

⁴ Como o atual município de Rio de Contas foi denominado até 1931. Uma vez que a pesquisa abrange um período posterior a 1931, daqui em diante usaremos a nomenclatura atual do município.

⁵ Tomamos emprestada a expressão utilizada por Erivaldo Fagundes Neves, o qual denomina por Alto Sertão o recôndito do interior; o autor referencia-se à sua “distância do litoral, talvez com os reforços da posição relativa ao curso do rio São Francisco e do relevo baiano, que ali projeta as maiores altitudes do Nordeste do Brasil”. Ver: NEVES, Erivaldo Fagundes. *Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio* (um estudo de história local e regional). 2ª ed. rev. e ampl. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2008, p. 28.

⁶ CAVALLO, Guglielmo, CHARTIER, Roger (orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 2002. Vol. I, p.8.

⁷ BLOCH, March. *Apologia da história ou o Ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 55.

⁸ Idem, ibidem.

⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Apresentação à edição brasileira. Por uma historiografia da reflexão. In: BLOCH, M. op. cit., p. 8.

¹⁰ CARR, E. H. *Que é História*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

¹¹ BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; GROSCH, Maria Selma. A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, Nova Série, São Paulo, v. 4.n. 1, p. 35-45, jan./jun., 2008, p.37.

¹² DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 218.

¹³ Médico, político e orador. Formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, em 1898, exerceu sua atividade profissional em Rio de Contas, no início do século XX. Nesta cidade, foi também intendente, em 1928, no governo de Vital Soares e o primeiro prefeito municipal, cargo que assumiu em 4 de agosto de 1929. Ver: ARAKAWA, Maria de Lourdes Pinto e. *As Minas do Rio de Contas*. Salvador: a autora, 2006, pp. 187-192.

¹⁴ Entendemos por sociabilidade a qualidade do ser sociável ou ainda “o processo de assimilação dos indivíduos aos grupos sociais”. Sobre este assunto ver: AGULHON, Maurice. La Sociabilidad como Categoría Histórica. In: FUNDACION MARIO GONGORA. *Formas de Sociabilidad en Chile 1840-1940*. Santiago do Chile: Vivaria, 1992 e BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. *Dicionário Crítico de Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1993, pp. 516-522.

¹⁵ BARATA, Alexandre. A maçonaria e a ilustração brasileira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos I* (1): 78-99, jul.-out., 1994.

¹⁶ ANDRADE, Rosane Maria Nunes. Bibliotecas: lugar de memória e de preservação – o caso da Biblioteca Nacional do Brasil. *Patrimônio e Memória*. UNESP, FCLAS, CEDAP, vol. 4, n. 2, p. 25-42, jun. 2009, p. 26.

¹⁷ CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, p. 67.

¹⁸ ANDRADE, R. op. cit., p. 27.

¹⁹ Idem, ibidem.

²⁰ Idem, p. 30-31.

²¹ BECKER, C. GROSCH, M. op. cit., p. 36.

²² SPIX & MARTIUS. *Viagem pelo Brasil, 1817-1820*. 2ª ed., vol. II, São Paulo: Edições Melhoramentos, 1938, p. 138.

²³ ANDRADE, R. op.cit., p. 38

²⁴ Discurso proferido pelo desembargador Antonio Carlos Souto, quando da comemoração dos 80 anos do *Clube Rio Contense*, em 14 de janeiro de 1982. Arquivo Municipal de Rio de Contas – AMRC.

²⁵ BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 56, *apud* CASTRO, César Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O nome da Rosa”. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 4, n. esp., pp. 01-20, 2006, p. 5.

²⁶ DARNTON, R. op. cit. p. 213.